

AS DIVERSAS FACES DOS GÊNEROS TEXTUAIS¹

Fabiana Gonçalves do Nascimento (UERR)
fabyzynha27@hotmail.com
Carmem Véra Nunes Spotti (UERR)

O presente artigo centra-se no estudo sobre gênero textual, que se apresentam de formas orais e escritas que resultam de enunciados produzidos em sociedade e, no âmbito do ensino e a aprendizagem de português são vias de acesso ao letramento, propõe-se que, as atenções estejam voltadas para os textos que são encontrados na vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Assim, a concepção de gênero diz respeito à forma, ao conteúdo, aos propósitos comunicativos e ao percurso social. O gênero textual reflete todo o processo social envolvido na comunicação que encerra.

O aprendizado de qualquer idioma é necessário conhecer como são produzidos os textos e entender como funcionam os gêneros textuais. Deve-se também, ter a noção do conceito de língua, seus tipos e suas variações. Biologicamente, a língua humana tem a função de articulador de sons para a produção e execução das palavras. Com as palavras se faz a linguagem. Com estas, qualquer ser falante passa a se comunicar. Mas para que isto aconteça, o comunicador precisa conhecer os diversos conceitos de língua, de linguagem e de comunicação.

Mediante isso, o artigo propõe-se a expor quais fatores implicam nas dificuldades de compreensão e produção dos gêneros textuais e como são trabalhados pelos professores na turma de 7ª série do ensino fundamental da Escola Municipal Oscar Fernandes Costa.

¹ Texto resultante da participação na VI Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, na UERR, no dia 18/11/2011.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A maioria dos professores ainda está atrelada ao tradicionalismo das gramáticas, vendo os gêneros textuais em apenas três dimensões: narração, descrição e dissertação. A consequência são alunos despreparados perante as exigências impostas pela sociedade. Nessa perspectiva é necessário contemplar nas atividades de ensino as diversidades de gêneros não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que todas são pertencentes a diferentes gêneros, e organizados de diferentes formas, proporcionando o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É também preciso abandonar a crença na existência de um gênero que permitiria ensinar todos os existentes em circulação social.

O aluno antes de entrar em contato com o “mundo” da escola já teve oportunidade de manusear vários textos presentes em seu ambiente. Sendo assim, nada mais natural que a escola dê continuidade ao que o educando aprendeu antes de chegar a ela, e não fique atrelada apenas ao ensino de narrações, descrições e dissertações. O contato com os textos da vida cotidiana, como anúncios, avisos, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, culinária, poesias, guias turísticos etc. exercita a nossa capacidade de lidar com todos de maneira variada.

Muito se tem discutido a respeito de como trabalhar textos nas escolas por esta não ser uma tarefa fácil. Encontra-se nas salas de aulas uma forte resistência, da parte dos alunos, em relação à leitura e a produção de texto. Para muitos estudantes, a ação de expressar suas ideias oralmente é considerada algo totalmente natural, no entanto, o ato de reproduzir-las em forma de texto representa um trabalho árduo e penoso.

É muito importante que todo educador conceba a linguagem como um significado amplo e dinâmico que se relaciona plenamente com a participação social. Trabalhar a linguagem em situação de ensino não é ensinar as palavras, mas seus significados culturais e sociais, como expõem os PCN (1998, p. 20), Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução.

Com a finalidade de proporcionar ao aluno o desenvolvimento da capacidade de produzir textos coerentes, coesos e eficazes, propõe-se a produção de uma variedade de textos, garantindo, dessa forma, a escrita como veículo de significação. Para isso, é necessário procurar aproximar

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

as condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem os diferentes tipos de textos.

Na produção escrita, tão importante quanto saber o assunto é saber qual a intenção ao escrever. Isso porque o mesmo assunto pode ser objeto dos mais diferentes tipos de textos, cada um com características próprias. Toda produção deve ser precedida de leitura e discussão, pois ninguém consegue produzir bons textos partindo do nada, isto é, sem conhecimento prévio sobre o assunto. Segundo os PCN, (1998, p. 21):

A produção de discurso não acontece no vazio, ao contrário, todo texto se relaciona, de alguma forma, com o que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes de atividades discursivas, estão em constante e contínua relação uns com os outros. A essa relação entre os textos produzidos e os outros é que se tem chamado intertextualidade.

Muito se discute sobre o que é “texto”, contudo Costa Val (2004, p. 3) define texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal.

Nesse sentido é importante o estudo dos gêneros textuais para uma educação comprometida com o exercício da cidadania. É necessário criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas as ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informações, ao exercício da reflexão.

Segundo, os PCN (1998, p. 24), os gêneros existem em números ilimitados, variando em função da época e do gênero, (*cartoon*, das culturas *haikai*, cordel), das finalidades sociais (entreter, informar), de modo que, mesmo que a escola se impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível. Portanto, é preciso priorizar os gêneros que mereceram abordagem mais aprofundada.

Desse modo propõe-se que, no ensino, as atenções estejam voltadas para os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sociocomunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas.

Em relação às práticas didático-pedagógicas de língua portuguesa é preciso considerar a heterogeneidade de textos existentes em nossa sociedade e levar em conta a necessidade de tornar nossos alunos proficientes leitores e produtores de textos.

O desafio dos docentes está em criar situações em sala de aula que permitem aos educandos à apropriação desta diversidade. Essa apropriação não pode estar limitada ao que os livros didáticos trazem, nem ao que oferecem como atividades. É preciso que sejam promovidas atividades em que eles leiam textos nos respectivos suportes em que foram publicados. Além de sua carga sócia cultural, historicamente construída, os gêneros textuais servem como ferramenta essencial na socialização do aluno.

São fortes os indícios de que o que se tem ensinado não é o gênero em si, mas o formato engessado restrito a uma estrutura fixa de como ele é. Ao invés de se trabalhar com a diversidade de possibilidades de um único gênero, por exemplo, como é um editorial em suas várias possibilidades sócio interativas, tem-se focalizado o que é superficial e, quando muito, tem-se explorado algumas seqüências mais comuns desse gênero.

Como os gêneros se acham sempre ancorados em alguma situação concreta, é necessária a compreensão do contexto situacional para a plena compreensão textual.

Na escrita, é importante levar em consideração a escolha plausível do gênero mais adequado a um determinado contexto. Esta afirmação se baseia que, se o texto é um evento singular, situado em algum contexto de produção, seja ele oral ou escrito, é conveniente que no ensino seja apresentada uma situação clara de produção para que sejam compreendidas as atividades a serem desenvolvidas.

Por isso, qualquer profissional da área de ensino de língua deveria levar em conta esse aspecto no trabalho com o aprendiz. Embora existam estudos voltados para a análise de gêneros, muitos ainda, estão voltados para a estrutura do texto, (ou seja, para os tipos textuais) nem sempre focalizam uma reflexão sobre como os diversos gêneros circulam na sociedade e nem sempre se voltam para aspectos da interação da escrita, tão importante para a vida e futura comunicação profissional.

Eles surgem emparelhados às necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas. De acordo com esse autor, os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e textuais. São de difícil definição formal, devendo ser completados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos, caracterizados como práticas sócio/discursivas. São também formas de ação sociais relativamente estáveis, realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Por esse motivo, a escola precisa preparar o aluno de forma adequado para adaptar-se a qualquer situação imposta pela sociedade.

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN, (1998, p. 29):

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos.

Sendo assim, a escola deve conduzir os alunos ao aprendizado de práticas sociais de leitura e de escrita do seu dia a dia, ou seja, de diversos gêneros textuais existentes na sociedade, para que eles não só aprendam, mas também sintam prazer de ler e escrever e, de forma reflexiva e participativa, possam exercer plenamente a sua cidadania.

Portanto, na hora de iniciar uma produção escrita, todo aluno precisa saber o quê, para quê e para quem vai escrever. Só então se define a forma do texto, que precisa ser entendido pelo leitor.

Para que essas metas se tornem realidade é necessário um ensino eficaz voltado ao domínio dos gêneros textuais como ferramentas fundamentais para a produção de textos de qualidade. Para isso os alunos terão de saber o que querem dizer para quem escrevem e qual o gênero que melhor exprime essas ideias. É pela linguagem que o homem se comunica, têm acesso as informações expressas e defende pontos de vista, e partilha, constrói cultura, ideologias...

Nesse sentido, é preciso que o professor esteja atento ao que acontece na sociedade a sua volta, às suas experiências e às dos alunos, para partilhar e aprender com eles sobre os gêneros que estão sendo utilizados nos mais variados contextos, sobre os propósitos comunicativos que os movem e os efeitos pretendidos em cada situação particular, levando sempre em conta o destinatário, ou seja, a quem serão voltadas as atenções do emissor para alcançar os propósitos de cada ação que se concretiza na linguagem verbal.

Deste modo, a escola tem a responsabilidade de capacitar os alunos para usos autênticos da linguagem, ensinando-o a dominar a língua portuguesa de forma significativa, escolhendo o gênero adequado a cada situação comunicativa e a usando-o com propriedade e segurança, em suas experiências de vida fora da escola.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A escrita, produzida na escola, não pode se desconectar dos modos de circulação social do texto. O texto circula na sociedade com diversas finalidades e para uma extensa variedade de leitores. É preciso levar os modos de produção de texto para o espaço da sala de aula de forma a capacitar os alunos para sua formação de leitor e produtor textual.

A prática textual, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Se para o professor vem a decepção de ver textos mal redigidos, por outro lado existe a sensação de incapacidade que o aluno carrega como marca de sua incompetência textual. Se de fato os gêneros textuais formam o leitor de modo a capacitá-los nos reconhecimentos de práticas discursivas, cabe ao professor ser um facilitador, um orientador no percurso discursivo textual.

Em conclusão a estas observações sobre o tema em pauta, pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois nada do que fiz lingüisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fiz pode ser tratado em um ou outro gênero. E há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária, merecedores de nossa atenção. Inclusive e talvez de maneira fundamental, os que aparecem nas diversas mídias hoje existentes, sem excluir a mídia virtual, tão bem conhecida dos internautas ou navegadores da Internet.

A relevância maior de tratar os gêneros textuais acha-se particularmente situada no campo da linguística aplicada. De modo todo especial no ensino de língua, já que se ensina a produzir textos e não a produzir enunciados soltos.

Dessa forma esse artigo propõe que: professores e alunos façam uma investigação sobre a existência dos inúmeros gêneros textuais na sociedade em que vivem.

No entanto, não é de se supor que os alunos aprendam naturalmente a produzir os diversos gêneros escritos de uso diário, tudo indica que a resposta seja não. Mas é provável que se possam identificar gêneros com dificuldades progressivas, do nível menos formal ao mais formal, do mais privado ao mais público e assim por diante.

Enfim, vale repensar a ideia de que o trabalho com gêneros será uma forma de dar conta do ensino dentro de um dos valores da proposta oficial dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* que insistem nesta pers-

pectiva. Tem-se a oportunidade de observar tanto a oralidade como a escrita em seus usos culturais mais autênticos sem forçar a criação de gêneros que circulam apenas no universo escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KOCK, Ingedore Grufeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. FAVERO, Leonor Lopes. *Linguística textual*. São Paulo: Cortez, 2005.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. *Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa*. São Paulo: Respel, 2006;

TERRA, Ernani; NICOLA, José. *Português de olho no mundo*. São Paulo: Scipione, 2004.

FERACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto. *Linguagem nova*. Edição reformada. São Paulo: Ática, 2006.

MAZZAROTTO, Luiz Fernando, LEDA, Terezinha de Oliveira, CAMARGO, Davi dias. Redação: *Gramática e literatura*. São Paulo: DCL, 2002.

RUESCAS, Jesus. *Português prático*. São Paulo: Sivadi, 2004.

PARÂMETROS curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.